



BRANDÃO, Antonio Helonis Borges. A reinvenção da épica do cangaço na poética de Dila. In: **Revista Épicas**. Ano 6, N. 12, Dez 22, p. 128-148. ISSN 2527-080-X.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022v12.128148>

A REINVENÇÃO DA ÉPICA DO CANGAÇO NA POÉTICA DE DILA THE REINVENTION OF THE EPIC OF CANGAÇO IN DILA'S POETICS

Antonio Helonis Borges Brandão¹
Secretaria da Educação do Ceará – SEDUC/CE

RESUMO: O presente estudo aborda a épica do cangaço nordestino na escrita poética de José Soares da Silva, o Mestre Dila, autor e ilustrador de folhetos da literatura de cordel brasileira. Através das memórias reconstruídas e reinventadas, pelo autor em questão, em sua poética que ressignifica a épica do cangaço no gênero cordel brasileiro, a nossa intenção é a de entender como o fluxo dessa produção autoral é experienciado enquanto realidade mais imaginada que vivida. A reconfiguração do cangaceiro como herói épico e personagem principal dos enredos será discutida sob o tênue fio do real imaginado e produzido como ficção na obra *Os Lampiões*. Os textos do enredo – sob a forma e o formato de cordel –, minicontos poéticos que versam sobre a épica do cangaço, são a base para a análise dialógica sobre aspectos da produção, condição de possibilidades, usos diferenciados, representações e recepção do autor e sua obra, conforme teóricos da História do Livro e da Leitura. Deste modo, discutir a reinvenção da épica heroica do cangaceiro na poética memorialística de Dila é uma maneira de ampliar a discussão sobre as intenções criativas do autor, frente às amarras impostas pela forma fixa do gênero cordel.

Palavras-chave: Mestre Dila; herói épico; *Os Lampiões*

ABSTRACT: The present study approaches the epic of the northeastern cangaço in the poetic writing of José Soares da Silva, Mestre Dila, author and illustrator of Brazilian cordel literature pamphlets. Through the reconstructed and reinvented memories, by the author in question, in his poetics that resignifies the epic of cangaço in the Brazilian cordel genre, our intention is to understand how the flow of this authorial production is experienced as a reality more imagined than lived. The reconfiguration of the cangaceiro as an epic hero and main character of the plots will be discussed under the tenuous thread of the imagined real and produced as fiction in the work *Os Lampiões*. The texts of the plot - in the form and format of cordel, poetic mini-stories that deal with the epic of the cangaço, are the basis for the dialogical analysis of aspects of production, condition of possibilities, differentiated uses, representations and reception of

1 Doutor em História Social – Universidade Federal Fluminense (UFF/2022). Cordelista e pesquisador do cordel brasileiro. <http://orcid.org/0000-0002-9860-3752>. E-mail: helonisbrand@gmail.com.

the author and his work, according to theorists of the History of the Book and Reading. In this way, discussing the reinvention of the heroic epic of the cangaceiro in Dila's memorialistic poetics is a way to broaden the discussion about the author's creative intentions, in the face of the constraints imposed by the fixed form of the cordel genre.

Keywords: Mestre Dila; epic hero; *Os Lampiões*

Introdução

O cordel brasileiro tem na narrativa sobre o ambiente violento que imperava nas províncias do Norte – particularmente Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia –, no período em que graça os fenômenos sociais do coronelismo e do cangaceirismo, um dos temas mais permanentes de seu enredo poético.²

Como partes reversas de uma mesma moeda o cangaço e o mandonismo dos coronéis surgem com grande força ao final do XIX e se estende por toda a primeira metade do século XX, no espaço do que hoje é denominado de sertão nordestino. Em um tempo relativamente longo o ambiente em questão esteve em constante ebulição pela tensão entre as classes sociais de uma sociedade prenhe de injustiças. O que se mostrou propício ao banditismo organizado, com ideais de justicamento expressos em crimes violentos que colocavam em xeque os poderes constituídos e a lei que, então, estava a serviço de poucos.

Na escrita do cordel os agentes do cangaceirismo reinante foram muitas vezes retratados como figuras heroicas de uma saga marcada por lutas e disputas.³ Daí advêm certa similitude com as narrativas do gênero poético da epopeia quando advoga e combate aos desmandos dos mandatários locais, representados pela figura dos poderosos coronéis sertanejos. Assim é que os cordelistas, os autores dos folhetos, que também estavam inseridos neste ambiente de tensões e conflitos sociais, não se abstêm de relatarem essas histórias e constituíram o que está sendo chamado aqui de épica do cangaço, um modelo todo próprio de escrita poética que se utiliza de aspectos da estrutura do texto épico para produzir a narrativa, idealizada, dos feitos extraordinários dessa espécie de banditismo social.

Ao percorrer o tema do cangaço no cordel, desde a gênese do gênero, chega-se ao poeta José Soares da Silva, o renomado Mestre Dila, também editor, folheteiro, ilustrador gráfico dos mais profícuos e grande expoente da temática junto ao sistema editorial do cordel brasileiro. Ao abordar o assunto, reiteradamente, a partir de sua própria concepção e inserção imaginária neste mundo já distanciado no tempo, o autor em questão o manteve sempre presente em sua

² A respeito, ver: TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memórias de lutas:** primórdios da literatura de folhetos do Norte (1893-1930). Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

³ Ver: DAUS, Ronald. **O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste.** Rio de Janeiro: FCRB, 1982.

memória e, conseqüentemente, no seu fazer poético. Deste modo, se pretende discutir aspectos da produção autoral de Mestre Dila em que se sobressai a temática do cangaço. Através de uma das suas obras mais representativas, o folheto *Os Lampiões*,⁴ que apresenta uma escrita produzida como ficção e experienciada enquanto realidade mais imaginada que vivida, pretende-se entender a reconstrução literária toda própria do autor sobre a figura do cangaceiro como herói épico e personagem principal dos enredos múltiplos que apresenta aos leitores.

No entrelaçamento entre o cordel brasileiro e a poética advindos de uma épica do cangaço, a escrita específica deste autor ganha contornos únicos na forma intrincada que desenvolve a sua trama. Sendo assim, a principal questão posta é a de como as intenções do autor, o manejo poético de que dispõe e as condições de possibilidade que permitem o seu fazer poético, sob o efeito da épica do cangaço (em um enredo de ficção que se quer real), se movem para dentro do circuito editorial do cordel e fazem frente à forma fixa do gênero literário? Ou, dito de outro modo, como o autor faz uso de um dos temas mais presentes no amplo campo temático do cordel brasileiro para desenvolver uma escrita que inova na forma, sem que a forma fixa seja, aparentemente, afetada por essa movência?

Ao se pensar que há relações muito intrínsecas entre as intenções autorais na produção poética (principalmente as de ordem econômica, e que implicam na própria sobrevivência do poeta, ou aquelas advindas da necessidade de se expressar esteticamente através da poesia) e o circuito de circulação e recepção de uma obra literária (no caso do folheto), amplia o entendimento sobre um dos temas mais presentes no universo do cordel brasileiro. Por sua vez, estabelece novos parâmetros para se fazer uma análise das premissas que definem o gênero poético em sua forma fixa (métrica, rima e oração) – pressupostos que, por vezes, são subvertidos na épica do cangaço escrita por Dila.

É importante ressaltar ainda que há uma distinção entre analisar a forma poética e o formato editorial do cordel. Os estudiosos precisam ter este olhar acurado de que o cordel é um impresso, que expressa uma estética, tem uma forma fixa e dispõe de um circuito editorial todo próprio que pode ser percorrido e analisado. Sob esse aspecto as ferramentas teóricas e

⁴ Há várias edições da obra e nos acervos de folhetos da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) e do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular (CNFCP) pode-se encontrar pelos menos oito versões distintas. Especificamente, este estudo utiliza-se a primeira edição, de 1976, e uma versão do ano posterior, ambas do acervo do CNFCP. Ver: DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Os Lampiões**. 1. ed. Caruaru: Art. São José, 1976. 32 p.; DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Os Lampiões**. Caruaru: Art. São José, 1977. 32 p.

metodológicas da história do livro e da leitura podem, muito bem, ser aplicada ao folheto de cordel.⁵

A noção de apropriação em Roger Chartier,⁶ por exemplo, utilizada no sentido dos usos diferenciados, será basilar para se discutir as implicações sociais dos diversos usos no circuito de produção, difusão, circulação, comercialização e consumo produtivo. Por sua vez, os conceitos de práticas e representações, desse mesmo teórico,⁷ nos permite discutir a produção de sentido sobre o objeto, além de entender o contexto em que o cordel está inserido e as práticas específicas de quem o produz enquanto forma poética.

No que se refere aos aspectos editoriais do objeto cordel, a sociologia dos textos de D. F. Mckenzie⁸ será ferramenta bastante útil para se entender a forma cordel a partir da sua materialidade, seja enquanto texto produzido e/ou livro publicado.

Finalmente, ressaltar que ainda são poucos os estudos que problematizam o cordel enquanto gênero poético de forma fixa e o seu posicionamento no campo literário brasileiro,⁹ sem diminuir-lo em sua poética ou apresentá-lo cristalizado dentro da caixa reducionista de uma pretensa “cultura popular”.¹⁰ Por sua vez, a movência¹¹ do gênero através do tempo, como na épica do cangaço, expressa por Mestre Dila, tem sido pouco captada pelos estudiosos.

Assim, não é só saber que há transformações no cordel a cada tempo, mas tentar captar e entender a mudança para se romper com certa imobilidade que, por vezes, lhe atribuem. Ao analisar um dos temas mais permanentes dentro do gênero, através de um autor que subverte o enredo e a forma, é uma maneira de levantar a questão da multiplicidade da forma e do formato do gênero (a ideia de que há muitos cordéis, a cada tempo e lugar), além de indicar alguns dos usos diferenciados que lhe pode ser dado.

Fundamentação Teórica

1.1 Gênese da épica do cangaço na escrita do cordel

⁵ A respeito da forma literária, formato e circuito editorial do cordel brasileiro, ver: BRANDÃO, Antonio Helonis Borges. **Apropriações instituídas e a subversão do popular: usos, formatos e poética do cordel literatura**. 2020. 411 f. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

⁶ Sobre o conceito de “apropriação”, ver: CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, p.26

⁷ A respeito dos conceitos de “práticas” e de “representações”, ver: CHARTIER, *op. cit.*, 1990, p. 56.

⁸ Ver: MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliography and the Sociology of Texts**. Londres: The British Library, 1986.

⁹ A respeito da “teoria do campo” e do estabelecimento “do campo literário”, ver BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p. 70.

¹⁰ A respeito, ver: CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. Vol. 8, nº16. 1995, pp. 179-180.

¹¹ Sobre a ideia de movência, como “incessantes variações recriadoras”, ver: ZUNTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018, p. 61.

Desde que surgiu como fenômeno social o cangaço nordestino reverbera como notícia e transforma-se em fonte de inspiração para folcloristas, jornalistas, literatas e pesquisadores do tema.¹² Na literatura de cordel brasileira, gênero poético que surge impresso no Brasil ao final do século XIX e que se difunde pelo país a partir do Nordeste brasileiro – com destaque inicial para os pioneiros autores da Paraíba e de Pernambuco –, o cangaço se apresenta como uma das suas mais permanentes temáticas.¹³ Sendo bastante presentes nos enredos construídos e publicados para serem lidos e ouvidos por um público que também o reconhece como parte da cultura regional nordestina a que está associado. Por sua vez, o próprio ciclo inicial de produção dos folhetos, da última década do XIX até o final dos anos de 1930 e início dos anos de 1940, corresponde exatamente ao auge do fenômeno social do cangaceirismo no Nordeste brasileiro.

A sociedade patriarcal nordestina da época, pautada pela violência do estado, forte desigualdade social, concentração de terras nas mãos dos senhores coronéis – agentes dos desmandos autoritários dos poderosos – é a mesma das desigualdades e injustiças que tem como resultado o banditismo social violento. Este, por sua vez, servirá como mote para emergência da épica heroica do cangaceiro, que terá ampla utilização na produção poética dos cantadores e poetas de bancadas.

Os feitos extraordinários de Lucas da Feira, Jesuíno Brilhante, Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Lampião, Corisco, dentre os renomados cangaceiros e outros menos conhecidos no enfrentamento aos poderosos, terão ampla repercussão em todas as camadas sociais, no período já citado acima, sendo mitificados na memória coletiva como heróis aos aversos e contraposição violenta ao poder instaurador da violência usando armas similares.

Alguns dos enredos do cordel dessa época também são pautados pela força apelativa do punhal e versados em uma métrica que se fez conhecida através de história que se moviam pela lei da bala, nos estampidos de rifle e pistola *parabellum*. Os personagens de maior destaque são as figuras de Antonio Silvino e Lampião, heróis que sedimentaram um tipo de leitor/ouvinte, público ávidos por suas histórias épicas de valentia e luta.

Antonio Silvino, por exemplo, foi bastante representado na escrita de Leandro Gomes de Barros,¹⁴ o autor pioneiro na comercialização da literatura de cordel, que publicou alguns

¹² A respeito, ver: ANDRADE, Mário. “Romanceiro de Lampião”. In: **O baile das quatro artes**. São Paulo: Martins, 1983; BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917; BATISTA, Pedro. **Cangaceiros do Nordeste**. Paraíba: Livraria São Paulo, 1929; FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Gênese e lutas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1930.

¹³ Ver: DAUS, *op. cit.*, 1982; TERRA, Ruth. **Memórias de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global Editora, 1983.

¹⁴ Sobre a vida e a poética de Leandro Gomes de Barros, ver: LITERATURA Popular em Verso: Antologia. Tomo II. Leandro Gomes de Barros. Brasília: MEC; Rio de Janeiro: FCRB; Campina Grande: Fundação Universidade Regional do

títulos sobre a temática e inaugurou o tipo de enredo com exaltação heroica ao tipo social, na pessoa do famoso cangaceiro. A maioria desses títulos foram publicados entre a primeira década do século XX e a prisão do bandido, em 1914.¹⁵ O que todos têm de semelhante é que retratam a mítica do cangaço através dos feitos superlativos e a violência fora do comum do maior cangaceiro do seu tempo. É o que pode ser observado na estrofe abaixo do folheto *Todas as lutas de Antonio Silvino* (BARROS, 1912, p. 4) – na narrativa emitida pelo autor através da voz do personagem – quando fala sobre um dos motivos e o tempo em que este esteve no cangaço:

Depois mataram meu pai
Saltei de vez no cangaço
Mato a 17 anos
Inda não cancei¹⁶o braço
Tenho o pescoço de bronze
Os intestinos de aço.

Tem muito o que admirar
De minha vida a história
Minha existência é de luta
Meus feitos todos de glória
Empreza que eu for a ella
Pode-se esperar a vitória.

Mesmo após a prisão temos novos poemas com a reificação dos feitos, o que pode ser visto nos poemas *O sonho de Antonio Silvino na Cadeia em que lhe apareceram as almas de todos os que elle matou* (BARROS, 1918); *Antonio Silvino no Jury*: debate de seu advogado (BARROS, 1957). Neste último, novamente é a voz do próprio Silvino que narra, reitera e mitifica as suas façanhas, mesmo quando prestes a ser condenado:

Se pelo revez da sorte
Inda eu possa me soltar
Aos quatro estados do Norte
Eu hei de gratificar

Nordeste, 1976; LITERATURA Popular em Verso: Antologia. Tomo III. Leandro Gomes de Barros. Brasília: MEC; Rio de Janeiro: FCRB; João Pessoa: UFPB, 1977a; MAYA, Ivone da Silva Ramos. **O poeta de cordel e a Primeira República**: a voz visível do popular. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Políticas e Bens Culturais, CPDOC, FGV, Rio de Janeiro, 2006.

¹⁵ Ver: BARROS, Leandro Gomes de. **A ira e a vida de Antonio Silvino**. Recife: Jornal do Recife, [s. d.]. 8 p.; **Antonio Silvino o rei dos cangaceiros**. [S. l.]: Perseverança, [s. d.]. 15 p.; **O nascimento de Antonio Silvino**. Recife: [s. n.], [s. d.]. 9 p.; **As proezas de Antonio Silvino**. Recife: Becco do Souza, [s. d.]. 16 p.; **Os cálculos de Antonio Silvino**. Recife: Becco do Souza, [s. d.]. 16 p.; BARROS, Leandro Gomes de. **Como Antonio Silvino fez o diabo chocar**. [S. l.]: [s. n.], [s. d.]. 16 p.; **Luta do diabo com Antonio Silvino. Vingança de um filho**. [S. l.]: [s. n.], [s. d.]. 15 p.; **Antonio Silvino na cadeia**. [S. l.]: [s. n.], [s. d.]. 9 p.; **As lágrimas de Antonio Silvino por Tempestade**. [S. l.]: [s. n.], [s. d.]. 16 p.; **A visão de Antonio Silvino**. Recife: Typographia Moderna, 1910. 16 p.; **Todas as lutas de Antonio Silvino**. Recife: [s. n.], 1912? 14 p.; **O silêncio de Antonio Silvino**. Recife: [s. n.], 1910. 6 p.; **O sonho de Antonio Silvino na cadeia**: em que aparece as almas de todos os que elle matou: Guarabira: Pedro Baptista, 1918. 16 p.; **Antonio Silvino no Júri**: debate de seu advogado. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1957. 16 p.; **A confissão de Antonio Silvino**. São Paulo: Luzeiro, 1980. 32 p.

¹⁶ Todas os enredos aqui citados, publicados em folhetos de cordel, seguem a grafia conforme o original.

Por uns quatro ou cinco séculos
O povo tem que falar (BARROS, 1957., p. 15)

Mas o grande biógrafo do cangaceiro Antonio Silvino é mesmo o poeta paraibano Francisco da Chagas Batista.¹⁷ Contemporâneo de Leandro, também consta entre os pioneiros na produção de folhetos como autor, editor e dono de livraria que comercializava folhetos de cordel. O cangaceirismo certamente que é o principal nicho temático de sua escrita poética.

Se tratando da gênese da épica do cangaço no cordel brasileiro, é importante registrar que o folheto de Chagas Batista, intitulado *A vida de Antonio Silvino*,¹⁸ publicado em 1905 no Recife, é considerado o mais antigo conhecido sobre o cangaceiro Antonio Silvino. Por sua vez, ao contrário de Leandro, os folhetos de Francisco das Chagas Batista são bem mais fáceis de datar, principalmente naqueles que trazem uma temática de acontecidos e o situa em um contexto histórico, caso do folheto de sua autoria que traz os poemas “Desastre do Aquidaban” e “A história de Antonio Silvino. 1º Volume”.¹⁹ Como o desastre com o navio foi em 1906, se presume que o folheto foi publicado no mesmo ano pela Imprensa Industrial em Recife. Também há em muitos dos seus folhetos referência à data de publicação, a exemplo do folheto *História de Antonio Silvino (Novos Crimes)*,²⁰ publicado um ano depois através da mesma gráfica e que traz na capa a chamada “Contendo todas as façanhas do célebre quadrilheiro desde setembro de 1907 até junho de 1908”.

Também merece referências entre os pioneiros na escrita sobre o cangaço o poeta cearense José Cordeiro da Silva.²¹ A sua importância se deve ao fato de ser um dos autores que inaugura a escrita cordeliana sobre Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião rei do cangaço. José Cordeiro, como assinava nas capas de seus títulos, também ficou famoso por conhecer pessoalmente o chefe de bando que o inspirou a escrever *A visita de Lampião a Juazeiro no ano de 1926*.²²

No folheto citado a épica heroica do cangaço aparece ao longo de todo o enredo. O reconhecimento sobre os feitos do herói, o cangaceiro renomado, se apresenta inicialmente na estrofe que relata a percepção do autor a respeito da multidão que espera Lampião na cidade.

¹⁷ Sobre Francisco das Chagas Batista, ver: LITERATURA Popular em verso. Antologia. Tomo IV. Francisco das Chagas Batista. Brasília: MEC; Rio de Janeiro: FCRB, 1977b.

¹⁸ Ver: BATISTA, Francisco das Chagas. **A vida de Antonio Silvino; Anatomia do homem; Chromo; Amor materno**. Recife: Imprensa Industrial, 1905. 16 p.

¹⁹ Ver: BATISTA, Francisco das Chagas. **Desastre do Aquidaban. A história de Antonio Silvino. 1º Volume**. Recife: Imprensa Industrial, s.d.

²⁰ Ver: BATISTA, Francisco das Chagas. **História de Antonio Silvino (Novos Crimes). A formosa Guiomar**. Recife: Imprensa Industrial, 1908.

²¹ Sobre o autor, ver: ALMEIDA, Átila; SOBRINHO, José Alves. **Dicionário biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia/UFPB, 1978, pp. 277-278.

²² Ver: SILVA, José Cordeiro da. **Visita de Lampião à Juazeiro no ano de 1926**. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1957. 32 p.

Talvez pela fama de valente e bravo combatente das injustiças ou somente pela curiosidade de conhecer o bandoleiro que comandou muitas atrocidades e feitos violentos, o certo é que o assunto relatado, segundo o que diz o autor, supera até as chamadas “santas missões” do Padre Ibiapina,²³ quando diz:

Sobre o terreiro da casa
O povo se comprimia
Lampião dentro da mesma
Não dava pra quem queria
Nem mesmo em santa missão
Eu vi a população
Que ali permanecia (CORDEIRO, 1957, p.6)

Daí, continuando o encadeamento do enredo, o autor vai narrar como se deu o seu encontro com Lampião e o pedido do próprio para que escrevesse a história. Esta, possivelmente, teria tido uma excelente recepção junto aos leitores, já que o personagem principal do enredo e a história retratada teria um forte apelo junto ao imaginário destes:

Falei com ele e depois
Da minha apresentação
Perguntei-lhe: me conhece?
– Conheço por tradição
Não é você o poeta
Que fez a obra completa
Façanhas de Lampião?

– Sou eu mesmo, respondi-lhe
– Você tem boa memória
Ele me disse: – Cordeiro
Componha agora uma história
Compondo, quero descrita
A causa desta visita
Na minha dedicatória (CORDEIRO, 1957, p.8)

Nas estrofes finais do enredo é a voz do próprio Lampião que autoriza a publicização da trama sobre o que aconteceu em Juazeiro, versão que certamente alcança os mais longínquos rincões através dos folhetos do poeta:

Agora, seu Zé Cordeiro
Já expus toda verdade
Com minha autorização
Pode dar publicidade
Todo mundo dê por visto
Que está escrito nisto

²³ O padre José Antonio de Maria Ibiapina, cearense de Sobral, foi o grande missionário na região e em um período próximo, mesmo que anterior, ao que também se situa o fenômeno do cangaço. A respeito, ver: COMBLIN, José. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulus, 2011.

A maior realidade

Não espero pra levar
Um romance publicado
Porque o tempo não dá
E mesmo eu estou vexado
Mas espero no sertão
Me chegar sem dilação
Este livro desejado (CORDEIRO, 1957, p.23)

– Adeus, distinto poeta
(disse a mim o Lampião)
Amanhã muito cedinho
Sigo com meu batalhão
Perseguir os revoltosos
Que se acham furiosos
Pelas zonas do sertão (CORDEIRO, 1957, p.24)

Muito embora não tenhamos encontrado, em nenhum dos acervos pesquisados, o tal título citado por José Cordeiro “Façanhas de Lampião”, há outros folhetos do mesmo autor sobre o assunto, que são: *Virgulino Ferreira da Silva: Lampeão*, onde o autor descreve os principais acontecimentos da vida do bandoleiro;²⁴ *Lampião e a velha feiticeira*²⁵ e, ainda, *Perseguições de Lampião pelas forças legais*.²⁶

O modelo inicial dos enredos, nos cordéis que trazem a temática do cangaço, se pensado a partir dos precursores, é um misto entre o noticioso, de Chagas Batista, e o de exaltação às façanhas heroicas, mais próximas ao que fez Leandro Gomes de Barros. É este misto o que faz José Cordeiro, na opinião de Átila Almeida e José Alves Sobrinho:

Os fatos narrados por José Cordeiro muitas vezes se afastam violentamente da realidade não por desonestidade do poeta, mas por desinformação decorrente das versões romanescas, fantasiosas, às vezes insidiosas que se davam aos fatos (ALMEIDA; SOBRINHO, 1978, p. 278).

É partindo dos precursores, aos quais acrescentaríamos, dentre outros, João Martins de Athayde,²⁷ que se forjaria uma matriz de movências, leituras e reescrituras que resultaram na

²⁴ Algumas informações sobre a primeira obra estão no portal de literatura de cordel que indica que esta pode ser consultado no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Disponível em: PORTAL de literatura de Cordel. Disponível em: https://usp.br/portaldocordel/folheto_cordel.php?cod=39474&s=cordel. Acesso em 04 out. 2022.

²⁵ SILVA, José Cordeiro da. **Lampião e a velha feiticeira**. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, [s.d.]. 32 p.

²⁶ SILVA, José Cordeiro da. **Perseguições de Lampião pelas forças legais**. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1958. 32 p.

²⁷ O maior editor da literatura de cordel durante o período em que Lampião reinou no cangaço, José Martins de Athayde também contribui para que a temática tivesse uma ampla aceitação entre os leitores do gênero. No acervo do CNFCP há alguns desses folhetos que tratam do tema. Ver: ATHAYDE, João Martins de. **Como Lampião entrou na cidade de Juazeiro acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu os seus serviços a legalidade contra os revoltosos**. Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176. Acesso em 29 out. 2022. Sobre o autor, ver: ATHAYDE, João Martins de. **O trovador do Nordeste**. Recife: [s.n.], 1937.

recriação do tema no cordel brasileiro, através do que aqui está sendo chamado de épica do cangaço.

1.2 A estrutura do enredo nos versos da épica do cangaço

Na poética do cordel brasileiro – gênero narrativo em que um enredo é contado em versos e encadeado de uma forma lógica (com começo, meio e fim) através da chamada oração –, é comum se encontrar uma estrutura enredada no modelo de versos **épicos**, cuja matriz vem da antiga Grécia:

A epopeia heroica segue um esquema estrutural. Inicia-se com uma *proposição* ou exórdio que apresenta o herói e o tema. Segue-se uma *invocação*, apelando apoio divino. Como fazer um épico toma tempo, o poeta geralmente inclui alguns versos de *dedicatória* ao seu benfeitor. Daí o corpo do poema segue com a *narração*, a maior parte da obra. Encerra o poema com *epílogo*.²⁸

Assim, grosso modo, os versos épicos são **narrativas heroicas** de extraordinários feitos. No cordel brasileiro, o objeto de análise e que aqui está sendo analisado a partir do que foi denominado de épica do cangaço, apresenta algumas aproximações com a narrativa do gênero épico.

O primeiro autor a fazer uma análise do tema no cordel, a partir do que denominou de “O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste”, foi o estudioso alemão Ronald Daus.²⁹ Mesmo que tenha se detido na análise da métrica e da poética do gênero nordestino, nos aspectos sociológicos que envolvem o ambiente e os autores, além da historicização de como o gênero se moveu neste ambiente, os aspectos mais específicos da forma épica foram tangenciados.

Mas o seu estudo pioneiro permitiu se perceber que algumas das partes da narrativa épica estão bastante presentes no cordel sobre o cangaço. Não do mesmo modo que se apresenta nos poemas épicos clássicos, pois não seguem estritamente cada uma das etapas. A **presença** do personagem como o **narrador do enredo** desenvolvido, por exemplo, é bem usual. É o que Leandro Gomes de Barros faz com a trama poética em torno do cangaceiro Antonio Silvino, dando voz ao personagem e fazendo dele o narrador das aventuras e feitos heroicos.

A partir dos versos que retratam os protagonistas do cangaço, expresso na figura dos cangaceiros, há a observância de enredos em que há uma mistura de herói, por sua bravura e valentia, com o bandoleiro, pois cruel e sanguinário, o que também perpassa pela invenção do

²⁸ Ver: **O GÊNERO épico e as epopeias brasileiras**. Disponível em: <https://ensaiosnotas.com/2020/07/15/o-genero-epico-e-as-epopeias-brasileiras/>. Acesso em 29 out. 2022.

²⁹ Ver: DAUS, *op. cit.*, 1982.

Nordeste e pelas figuras míticas de Antonio Silvino e Lampião, entremeados pela religiosidade messiânica também associada ao povo nordestino.

Mas a voz que enuncia toda a trama, na narrativa poética da épica do cangaço, também tem instâncias distintas de enunciação. Dependendo do contexto da narrativa ela pode evocar o **plano mítico** e **maravilhosos** da trama ou, caso esteja propenso a retratar uma realidade através da comprovação de fatos, se recorre ao **plano histórico** dos acontecimentos que estão documentados ou escritos como presenciados pelo narrador. De todo modo é possível encontrar similitudes à proposição épica, o chamado **prólogo**. Também a **invocação** é bastante presente nos enredos do gênero cordel, seja às musas ou às divindades.

A dedicatória, muito embora incomum na épica do cangaço, também se apresenta relacionada muitas vezes ao próprio leitor que adquire o folheto.

O **epílogo**, ou conclusão do enredo, é bastante breve nos versos da épica do cangaço. Muitas vezes não extrapolando a última página e contendo três ou quatro estrofes finais.

Deste modo a influência da narrativa épica na escrita de enredos em versos sobre o cangaço heroico no gênero literário cordel brasileiro pode ser descortinada através de um corpus de poemas com características bem próprias, mas que ressignificam a forma fixa ao se aproximar do modelo clássico.

1.3 A épica do cangaço de José Cavalcanti e Ferreira (Dila) na obra poética *Os Lampiões*

A obra poética de Mestre Dila, cordelista, gravador, folheteiro e impressor gráfico caruaruense é bastante extensa e foi desenvolvida ao longo de mais de cinquenta anos.³⁰ Muito embora tenha escrito poemas com outras temáticas, o que mais predomina em sua obra são folhetos que retratam o cangaço e tem a figura do cangaceiro como personagem principal.³¹ Este é o herói fora do comum (ou seria anti-herói?), capaz de feitos extraordinários, fabulosos, memoráveis. Através da obra *Os Lampiões*, na primeira e segunda edições,³² analisadas através da forma poética e da materialidade gráfica em que estão impressos, faz-se uma discussão sob o ponto de vista da épica do cangaço, tendo como contraponto à inserção do tema no campo editorial e literário do gênero cordel brasileiro.

³⁰ Sobre a vida e a trajetória artística de Dila, ver: AMORIM, Maria Alice. **O fantasioso e fenomenal Dila é aqui**. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/204/o-fantasio-e-fenomenal-dila-e-aqui>. Acesso em 10 out. 2022.

³¹ A obra poética de Dila pode ser encontrada nos principais acervos de referência sobre a literatura de cordel no Brasil. A presente pesquisa se utilizou de informações colhidas nos acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) e do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Sobre o acervo da FCRB ver: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>. Acesso em 11 out. 2022. A respeito do acervo da CNFCP ver: http://cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Seca0=65. Acesso em 11 out. 2022.

³² Ver: DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Os Lampiões**. 1. ed. Caruaru: Art. São José, 1976. 32 p.; DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Os Lampiões**. Caruaru: Art. São José, 1977. 32 p.

O autor em questão é um dos principais expoentes do tema cangaço no cordel brasileiro. Faz-se necessário entender as suas motivações sob o ponto de vista autoral, mercadológico e da criação, frente às amarras de um circuito editorial que já estava estabelecido de maneira sólida quando ele surge como autor em meados dos anos de 1950. Ou seja, a temática que desenvolve de maneira muito pessoal tem uma intencionalidade toda própria e que é preciso compreendê-la em suas representações e diferenciados usos.

No folheto *Os Lampiões*, o título de Mestre Dila que aqui será analisado mais detidamente, a figura heroica não é individual, mas coletiva. Deste modo o nome do famoso cangaceiro aparece multiplicado no título e em diversos personagens de uma narrativa imaginosa que foge à realidade do que se conhece a respeito da sua vida. Em um enredo que beira ao maravilhoso o narrador-personagem-autor, Dila, cria a sua versão sobre a própria parentela e o faz associada aos heróis cangaceiros, personificados na figura dos Lampião, o grande mito da sua épica do cangaço.

A primeira edição do folheto é de 1976³³ e consta de 147 estrofes, entre sextilhas, setilhas, que compõem pequenos textos em partes distintas do folheto. Na capa apresenta uma xilogravura estilizada de Lampião, feita pelo próprio Dila, que apresenta com o seu tradicional chapéu de cangaceiro, lenço no pescoço e cartucheira cruzada no peito. Em seguida, já fugindo ao texto de um folheto tradicional apresenta na primeira página uma lista intitulada “escritores, colecionadores, colaboradores de cordel, repórteres, jornais, revistas”, espécie de dedicatória da qual consta, dentre outros, o nome de alguns dos seus pares cordelistas como Rodolfo Coelho Cavalcante, João José da Silva, Olegário Fernandes, Manoel de D’Almeida Filho, Antonio Teodoro dos Santos, Manoel Camilo dos Santos, etc.

Na página seguinte o folheto traz um prefácio, assinado por Luiz Carlos de Macedo, que dentre outras afirmações, diz que Dila “[...] escreve capítulos de uma extensa narrativa nordestina [...]”. E acrescenta, já antecipando qualquer juízo do leitor “Não me perguntem pela verdade. O que Dila escreve é a sua verdade.” (DILA, 1976, PREFÁCIO).

Na página 1 novamente aparece o título da obra, a autoria do texto e, entre parênteses, a reverência ao “Demônio da Criação”, como o autor se autointitula. A primeira estrofe, o início do enredo poético propriamente dito, traz o que identificamos como **invocação**, o que guarda certo grau de similitude com o gênero épico, utilizada para iniciar a trama através de um pedido de intercessão divina:

³³ As duas edições têm similitudes em algumas das estrofes, mas divergem em muitas outras com acréscimos e supressões da 1ª. Para a 2.a edição. Muito embora tenham o mesmo título, mesma gravura na capa, mesmo número de páginas e estrofes semelhantes, as mudanças verificadas de uma edição para outra as fazem textos distintos na editoração e diagramação das partes – os pequenos textos poéticos em forma de micro contos.

Deus é O Todo Poeta
O Bem sobre a Criação
Custódio é meu mensageiro
De Apolo colhe transmissão
Para o Livro Os Lampiões
Sem ter mistificação (DILA, 1976, p. 1)

Em seguida vem uma sequência de dez estrofes, espécie de **prólogo**, em que o poeta fala da sua própria infância e de como iniciou na arte da xilogravura, antes de seguir o enredo épico a que se propõe narrar sobre os Lampiões. É a deixa para o enredamento que se funde à memória vivida e percebida pelo autor sobre a gênese dos seus fazeres artísticos e das narrativas sobre os temas que desenvolvem, com destaque para a épica do cangaço como o tema principal de todo o conjunto da obra:

Da Xilogravura a Letra
Faço a minha ilustração
De 1940
Venho nesta profissão
Foram as outras que outrora
Tive como distração

Com Diabo Santo e Cangaço
Nunca fiz livro perdido
A imagem do cangaço
É dinheiro garantido
Uma herança da família
Que de Deus tenho recebido (DILA, 1976, p. 2)

A partir da página três começa uma série de mini contos poéticos, entremeados de prosa poética. Assim o enredo não é propriamente uma sequência narrativa, mas uma miscelânea de recortes múltiplos de fatos ficcionais sobre personagens (reais ou ficcionais) relacionados ao mundo do cangaço, memórias reconstruídas sobre os fazeres do próprio autor e sua relação com a épica do cangaço, notícias de jornal sobre a sua obra poética e gráfica, estrofes de outros colegas poetas, chamadas sobre outros títulos do autor, prefácios de outros folhetos seus que foram escritos por estudiosos e incentivadores de sua obra, tudo conduzido pela ótica da sua própria voz autoral. As histórias fragmentadas seguem uma lógica do autor e que o liga aos “Lampiões”, os protagonistas principais criados por ele e que, após os nomear com suas alcunhas, passa a descrever a saga épica das suas origens e feitos:

PERSONAGENS

Felipe Ferreira Gomes SABAÓ
Antonio Ferreira Duarte TROVÃO
Heraclio R. Duarte TROVOADA
Manoel de Lima Cruz DUMONTE

Severino Albuquerque (Cavalcanti)

Foram os filhos do Holandez
João Ferreira Gomes Batista
E outros depois também
Acompanham nesta lista
Lá nas guerras da Apolônia
Capitão de boa pista (DILA, 1976, p.3)

Na sequência vem os mini contos “Sonhos”, enredo de 6 estrofes com oito versos de sete sílabas e que trata de decifração de sonhos pelos cangaceiros a partir do que foi sonhado; “Zelação”, texto composto por duas setilhas que trata das superstições com os sonhos do cangaceiro Zelação; “Tesouro do rei”, com cinco sextilhas, que é uma genealogia de cangaceiros famosos que remete a um rei holandês e, finalmente, o mini conto “Pacto”, em que o eu poético aparece no enredo e que destoa dos demais por trazer quadras entremeadas de um canto que evoca o pacto para fechar o corpo que os cangaceiro, eventualmente, fazem com o diabo. Até a sextilha final, como segue abaixo:

Para ser feito um pacto
Pouco ou ninguém se atrevia
Pelo menos é desta maneira
Ouçam como principia

Lá na mata ao meio dia
O cliente gritava limão
Seguia em ritmo bem alto
Entoando essa canção

Chamou

Laranja verde
Laranja verde
Quero ver limão
Quero ver limão
Quero ver limão

Respostou

Satanaz responde
Rebate o Côco
Da mazuca
Pé de serra
Arre Cambuca
Pelourão

Benedito Ganzá
Aprendeu cantar embolada
Neste pacto com Henrique,
Joaquim Moco correu da parada

Comigo foi diferente
Cascavel foi ao meu lado

Henrique abraçou a mim
Disse seu corpo é fechado
Assim palestramos 2 anos
Local e horário marcado (DILA, 1976, p. 8)

Importante compreender que a épica do cangaço, em Dila, sobrepuja a forma tradicional do cordel brasileiro, quando utiliza-se dos mais diversos tipos de estrofações em um mesmo enredo, além da prosa poética. Outra característica da épica do cangaço em Dila é que personagens e o autor se confundem em uma narrativa fragmentada que também se faz em um misto de realidade e ficção, tendo por mote uma espécie de genealogia do cangaço que não foi certamente vivenciado, mas muito mais imaginado pelas vias da poesia e do fantástico. A narrativa épica sobre o cangaço é entrecortada constantemente pelas memórias do próprio Dila, que sempre recorre a metáforas que remetem ao cangaço, a exemplo desse trecho do mini conto abaixo:

MEU RASTO

Entrei na XILOGRAVURA
Fui um faccimilista
Aumentar diminuir
Ganhei no golpe de vista
Instituto Joaquim Nabuco
Deu a mim vez de artista

[...] 1940
Aprovou minha profissão
1950
RIBEIRO a mim deu a mão
Vendíamos livreto quente
Da boca de Lampião

O Coronel Cascavel
Junto a mim fez correria
Com Jararaca 2º
Juntos a pé nós “andaria”
Vendendo livros nas feiras
Eu cantava eles “vendia” [...] (DILA, 1976, p. 17)

Os nomes dos personagens utilizados são recorrentes no ambiente nordestino em que se passa as diversas tramas e se alinham à épica do cangaço, do qual o autor a todo tempo também se apresenta como ator principal ao lado dos cangaceiros. Por sua vez as intenções autorais parecem que vão além do caráter mercadológico, de quem sabe que o folheto sobre o cangaço tem venda certa. Na primeira estrofe do mini conto que se segue fica bem explícito que o artista quer, antes de tudo, é ser reconhecido pelas artes que faz:

MINHA RIQUEZA

Em toda a minha existência
Tenho Deus ao meu lado
Escrevendo O Cangaceiro
Não fui desmoralizado
Respeito a lei e ao mundo
E de segundo a segundo
Me sinto regozijado [...] (DILA, 1976, p. 18)

Nas 147 estrofes da trama convivem, lado a lado, personagem do mundo real e que estiveram de algum modo associados à épica do cangaço (Lampião, Maria Bonita, Antonio Silvino, Volta Seca, Sinhô Pereira, cangaceiro Criança, tenente João Bezerra, Padre Aristides, Padre Cícero, Conselheiro, dentre outros) e aqueles que vivem personificados na ficção através da rica imaginação criativa na épica heroica do cangaço escrita em poesia e prosa poética por Dila.

O acróstico final é o arremate, resumo das intenções sobre os registros que pretende mostrar aos seus leitores, fruto de suas pesquisas a respeito do assunto destrinchado em 32 páginas e 28 mini contos:

Já escrevi o livreto
Como o destino mandou
Ficou lutas arquivadas
De onde a história apontou
Indo procurar os locais
Leva pesquisas legais
Assim meus versos arquivou.³⁴ (DILA, 1976, p. 30)

Não é a intenção deste trabalho abordar a arte visual produzida por Mestre Dila, através das xilogravuras que produz para ilustrar as suas narrativas e as capas de folhetos que lhes são encomendadas.³⁵ Mas é bem constante a figura do cangaceiro como uma representação que remetem ao próprio poeta, calvo e de rosto arredondado, como pode ser visto na fotografia do seu próprio rosto que está reproduzida na página 31.

A última página e a quarta carpa ainda trazem dois textos de outros autores sobre o próprio Dila, no que chamou de prefácio (ou seria um posfácio?). O primeiro deles da autoria do poeta e líder classista alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante, o fundador da Associação Nacional de Trovadores e Violeiros (ANTV), que fala que o “opúsculo vale pelo um grande livro no seu

³⁴ Sabe-se que Dila usava de vários nomes próprios, como uma espécie de heterônimo, para se autodenominar. O acróstico destacado em negrito se refere à José Cavalcante e Ferreira Dila, alcunha das mais utilizadas nas capas de seus folhetos e que também nomeia o autor do poema (heterônimo) em questão.

³⁵ Para um maior aprofundamento sobre a gravura de Mestre Dila, ver: CAVALCANTI, Hérlon. **Xilogravuras do Mestre Dila**. Uma visão poética do Nordeste. Caruaru: Edições FAFICA, 2011.

contexto Documentário e Artístico” (PREFÁCIO in: DILA, 1976, p. 32). Na quarta capa vem o outro texto, da autoria do poeta, professor e folclorista pernambucano Aleixo Leite Filho, um dos estudiosos do cordel que estão citados na dedicatória, que esclarece mais sobre as motivações e intenções autorais, quando diz: “Nas horas vagas, se entrega as leituras das vidas dos cangaceiros e profetas, em parceria com história regional de onde lhe surgem os personagens dos seus folhetos [...]. Ultimamente o que tem mais lhe preocupado é a constante pesquisa sobre o desvendamento da existência de vários Lampiões, de um dos quais diz ter vindo a sua pessoa” (PREFÁCIO in: DILA, 1976, quarta capa).

A 1ª edição do folheto teve a impressão de 3.000 exemplares. Uma segunda edição ampliada da obra *Lampiões*, publicada um ano depois com 12.000 cópias, só demonstra que houve uma boa recepção junto aos leitores. O que chama atenção entre uma edição e a outra é o aumento significativo do número de estrofes, de 147 para 177 e a mudança na própria configuração e sequência dos mini contos encadeando o enredo. Possivelmente a mudança na forma do enredo e na disposição do formato gráfico deve-se ao fato de ser o autor o próprio profissional gráfico, aquele que dispõe os tipos no “compunidor”³⁶ para serem impressos. Ao que parece, cada edição do impresso é feita conforme os humores do autor-editor e as expectativas do seu público de leitores.³⁷ O que pode ter acontecido, por exemplo, no tipo de recepção que o formato gráfico da edição anterior porventura tenha provocado junto a estes.

Um dos versos que é encontrado somente na 2ª edição ganha destaque. Nele há uma informação bastante significativa sobre a produção poética que o autor constituiu até ali sobre a épica do cangaço. O título do mini conto, de apenas uma estrofe, é o mesmo que o nomeia e o faz reconhecido na trajetória poética vivida, real. Nele, o autor expressa, através do seu eu lírico, o real imaginário da épica do cangaço vivenciada como meio de vida:

DILA

Esse é o meu 104
Livreto sobre o Cangaço
Tenho o mundo na cabeça
Tenho no corpo um balaço
Este inda mata a mim
Desde 1940
Como dos versos que faço (FERREIRA, 1977, p. 17).

³⁶ É um termo do jargão gráfico dos poetas e que também é utilizado pelo próprio Dila.

³⁷ Em uma outra edição, que faz parte do acervo da FCRB, que traz uma disposição gráfica totalmente distinta e que conta com um enredo composto por um menor número de estrofes, apenas 122. Ver: DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Os lampiões**. Caruaru: Graf. Sabaó, [s.n.]. 30 p.

Aqui, mais uma vez, o engenhoso Dila mistura realidade e ficção sobre aspectos da sua vida que vão além da sua produção como cordelista e profissional gráfico. Se os números não batem, para ele pouco importa.

Considerações Finais

A épica do cangaço se faz bastante presente na obra poética do Mestre Dila. O reconhecido expoente do gênero poético cordel brasileiro, que surgiu como autor na segunda metade do século XX, contribuiu com algumas inovações que seriam incorporadas ao todo do campo literário em que se situa o cordel.

Se o gênero tem suas regras formais fixas, notadamente marcadas pela métrica rigorosa, a necessária rima e o enredo composto sob a lógica da oração, com começo, meio e fim, a poética proseada de Dila subverte, de modo bastante pessoal, todas as premissas reconhecidamente aceitas na construção da poética do cordel. Mesmo assim ele faz-se reconhecido pelo modo que o seu enredo fragmentado e repetitivo se impõe através do desenvolvimento de temas tradicionais, a exemplo do que faz com a sua épica toda própria sob a temática do cangaço. Outro ponto bastante relevante, em relação ao reconhecido pelo público de compradores dos seus folhetos, é que ele participa de todas as etapas do circuito editorial do cordel, ao atuar como autor, editor, folheteiro e ilustrador famoso. Além de ser referência para os pares pelo mesmo motivo.

A reinvenção poética de Dila se insurge contra a rigidez da forma literária, mas atua como expoente de um dos mais tradicionais temas do gênero cordel ao construir de um modo peculiar a sua épica do cangaço. Assim, em um misto de prosa e poesia, ele passeia pelo fantasioso e faz da sua memória não vivida invenção e motivação.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Átila; SOBRINHO, José Alves. **Dicionário biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia/UFPB, 1978.

ANDRADE, Mário. "Romanceiro de Lampião". In: **O baile das quatro artes**. São Paulo: Martins, 1983.

AMORIM, Maria Alice. **O fantasioso e fenomenal Dila é aqui**. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/204/o-fantasiioso-e-fenomenal-dila-e-aqui>. Acesso em 10 out. 2022.

ATHAYDE, João Martins de. **O trovador do Nordeste**. Recife: [s.n.], 1937.

ATHAYDE, João Martins de. **Como Lampião entrou na cidade de Juazeiro acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu os seus serviços a legalidade contra os revoltosos**. Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176. Acesso em 29 out. 2022.

- BARROS, Leandro Gomes de. **A ira e a vida de Antonio Silvino**. Recife: Jornal do Recife, [s. d.]. 8 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **Antonio Silvino o rei dos cangaceiros**. [S. l.]: Perseverança, [s. d.]. 15 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **O nascimento de Antonio Silvino**. Recife: [s. n.], [s. d.]. 9 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **As proezas de Antonio Silvino**. Recife: Becco do Souza, [s. d.]. 16 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **Os cálculos de Antonio Silvino**. Recife: Becco do Souza, [s. d.]. 16 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **Como Antonio Silvino fez o diabo chocar**. [S. l.]: [s. n.], [s. d.]. 16 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **Luta do diabo com Antonio Silvino. Vingança de um filho**. [S. l.]: [s. n.], [s. d.]. 15 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **Antonio Silvino na cadeia**. [S. l.]: [s. n.], [s. d.]. 9 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **As lágrimas de Antonio Silvino por Tempestade**. [S. l.]: [s. n.], [s. d.]. 16 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **A visão de Antonio Silvino**. Recife: Typographia Moderna, 1910. 16 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **Todas as lutas de Antonio Silvino**. Recife: [s. n.], 1912? 14 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **O silêncio de Antonio Silvino**. Recife: [s. n.], 1910. 6 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **O sonho de Antonio Silvino na cadeia**: em que aparece as almas de todos os que elle matou: Guarabira: Pedro Baptista, 1918. 16 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **Antonio Silvino no Júri**: debate de seu advogado. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1957. 16 p.
- BARROS, Leandro Gomes de. **A confissão de Antonio Silvino**. São Paulo: Luzeiro, 1980. 32 p.
- BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917.
- BATISTA, Francisco das Chagas. **Desastre do Aquidaban. A história de Antonio Silvino**. 1º Volume. Recife: Imprensa Industrial, [s. d.].
- BATISTA, Francisco das Chagas. **História de Antonio Silvino, continuação**. Recife: Imprensa Industrial, [s. d.] 16 p.
- BATISTA, Francisco das Chagas. **Antonio Silvino vida, crimes e julgamento**. São Paulo: Ed. Prelúdio, [s. d.] 68 p.

BATISTA, Francisco das Chagas. **A vida de Antonio Silvino; Anatomia do homem; Chromo; Amor materno**. Recife: Imprensa Industrial, 1905. 16 p.

BATISTA, Francisco das Chagas. **História de Antonio Silvino (Novos Crimes). A formosa Guiomar**. Recife: Imprensa Industrial, 1908. 16 p.

BATISTA, Francisco das Chagas. **O interrogatório de Antonio Silvino**. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1954. 16 p.

BATISTA, Pedro. **Cangaceiros do Nordeste**. Paraíba: Livraria São Paulo, 1929.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BRANDÃO, Antonio Helonis Borges. **Apropriações instituídas e a subversão do popular: usos, formatos e poética do cordel literatura**. 2020. 411 f. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

CAVALCANTI, Hérlon. **Xilogravuras do Mestre Dila**. Uma visão poética do Nordeste. Caruaru: Edições FAFICA, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. "Cultura Popular": revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. Vol. 8, nº16. 1995.

COMBLIN, José. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulus, 2011.

DAUS, Ronald. **O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste**. Rio de Janeiro: FCRB, 1982.

DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Os lampiões**. Caruaru: Graf. Sabaó, [s.n.]. 30 p.

DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Os lampiões**. 1. ed. Caruaru: Art. São José, 1976. 32 p.

DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Os lampiões**. 2. ed. Caruaru: Art. São José, 1977. 32 p.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Gênese e lutas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

LITERATURA Popular em Verso: Antologia. Tomo II. Leandro Gomes de Barros. Brasília: MEC; Rio de Janeiro: FCRB; Campina Grande: Fundação Universidade Regional do Nordeste, 1976.

LITERATURA Popular em Verso: Antologia. Tomo III. Leandro Gomes de Barros. Brasília: MEC; Rio de Janeiro: FCRB; João Pessoa: UFPB, 1977a.

LITERATURA Popular em verso. Antologia. Tomo IV. Francisco das Chagas Batista. Brasília: MEC; Rio de Janeiro: FCRB, 1977b.

MAYA, Ivone da Silva Ramos. **O poeta de cordel e a Primeira República: a voz visível do popular**. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Políticas e Bens Culturais, CPDOC, FGV, Rio de Janeiro, 2006.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliography and the Sociology of Texts**. Londres: The British Library, 1986.

MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1930.

O GÊNERO épico e as epopeias brasileiras. Disponível em: <https://ensaiosnotas.com/2020/07/15/o-genero-epico-e-as-epopeias-brasileiras/>. Acesso em 29 out. 2022.

PORTAL de literatura de Cordel.
https://usp.br/portaldocordel/folheto_cordel.php?cod=39474&s=cordel. Acesso em 04 out. 2022.

SILVA, José Cordeiro da. **Lampião e a velha feiticeira**. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, [s.d.]. 32 p.

SILVA, José Cordeiro da. **Visita de Lampião à Juazeiro no ano de 1926**. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1957. 32 p.

SILVA, José Cordeiro da. **Perseguições de Lampião pelas forças legais**. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1958. 32 p.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memórias de lutas**: primórdios da literatura de folhetos do Norte (1893-1930). Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memórias de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global Editora, 1983.

ZUNTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.